

# Estudos da infância no Brasil: encontros e memórias, de Anete Abramowicz (Org.). São Carlos: EduFSCar, 2015, 195 p.

Ligia de Carvalho Abões Vercelli  
Universidade Nove de Julho

Atualmente, a Sociologia da Infância tem sido muito estudada e seus autores são referenciados por vários pesquisadores que abordam a infância em seus trabalhos. Pode-se dizer, porém, que tal campo teve início, no Brasil, na década de 1940, com o texto *“As trocinhas do Bom Retiro”*, de Florestan Fernandes e foi intensificado somente a partir da década de 1970.

Assim, o livro *“Estudos da infância no Brasil: encontros e memórias”*, fruto de uma pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), tem por objetivo configurar o campo teórico da Sociologia da Infância no Brasil, revisando, inicialmente, artigos publicados em periódicos brasileiros disponíveis e de livre acesso ao público em geral e, em seguida, por meio de entrevistas concedidas pelas seguintes autoras dos artigos analisados: Maria Machado Malta Campos, Fúlvia Rosemberg, Sonia Kramer, Tizuko Morchida Kishimoto, Ana Lucia Goulart de Faria e Ethel Volfzon Kosminsky.

Abramowicz, pesquisadora e organizadora da obra, ressalta que o livro “[...] configura parcialmente o imenso campo teórico da criança, da infância e da educação infantil no Brasil [...]” (p. 9). O critério adotado para a escolha das pesquisadoras acima mencionadas deu-se por serem pesquisadoras brasileiras e porque suas obras abordam a infância desde a década de 1970 até os dias atuais, porém foram analisados os textos até o ano de 2010. As entrevistas com essas estudiosas foram individuais e tiveram duração de 4 horas cada uma. Também foram realizadas entrevistas com Clarice Cohn, mas suas produções não foram analisadas pelo fato de não se enquadrarem no recorte temporal do estudo. Todas as entrevistas encontram-se na íntegra em CD que acompanha a obra. Trata-se de um apêndice de muita riqueza, uma vez que as autoras supra citadas fizeram o exercício de trazer a público suas próprias ações e, portanto, como elas entendem a própria produção.

A obra é resultado de muitos encontros entre as autoras do livro e as pesquisadoras. Foram momentos, segundo Abramowicz, de emoção, pois as levaram a entender que não estavam a descrever um campo teórico de pensamento, mas de estar junto, compartilhar histórias, memórias e, acima de tudo, homenageá-las, uma vez que, elas foram e são as precursoras da Sociologia da Infância no Brasil, campo hoje

consolidado graças aos seus esforços, tanto na área da educação infantil como nos estudos sobre a criança e/ou infância.

O livro está dividido em quatro territórios e um posfácio. O primeiro território, denominado “*Estudos da Infância – Florestan Fernandes: cultura infantil*”, foi escrito por Anete Abramowicz, que faz uma análise do texto “*As trocinhas do Bom Retiro*”, de Florestan Fernandes, escrito em 1940. A autora considera este estudo como o “grau zero” do que viria a ser conhecida como Sociologia da Infância na década de 1980. A análise feita pela autora sobre esse texto esclarece a cultura infantil na perspectiva de Florestan e aponta que este autor abre o campo para a constituição da Sociologia da Infância no Brasil.

O segundo território, e o mais extenso do livro, é constituído por análises realizadas por Tatiane Cosentino Rodrigues, referente aos textos de autoria de Maria Machado Malta Campos; Andrea Braga Moruzzi, dos textos de Fúlvia Rosemberg; Fabiana de Oliveira e Débora de Barros Silveira, dos escritos de Sonia Kramer; Gabriela Guarnieri de Campos Tebet e Ana Cristina Juvenal da Cruz, dos artigos de Tizuko Morchida Kishimoto; Carolina Rodrigues de Souza e Gabriela Guarnieri de Campos Tebet, referente aos textos de Ana Lucia Goulart de Faria e, para finalizar, Ana Cristina Juvenal da Cruz, dos escritos de Ethel Volfzon Kosminsky.

As principais temáticas da produção de Maria Malta são: *marginalização cultural e acesso à Educação Infantil; pela definição de uma política de atendimento às crianças de 0 a 6 anos e qualidade na Educação Infantil*. No primeiro eixo, foram analisados dois artigos, no segundo nove e, no terceiro, sete, totalizando dezoito artigos. Rodrigues, a autora que analisou os escritos de Campos, ressalta que as questões emergentes da estudiosa estão voltadas às políticas públicas de atendimento às crianças, “[...] desde os tempos em que investigava as amostras de crianças e suas condições escolares no grupo de Poppovic, até as publicações posteriores em que enfatizou a construção de uma política pública para a educação infantil” (p. 53). Assim, a preocupação da autora recai sobre as formas de atendimento para crianças pequenas, sempre articulando a pesquisa teórica aos dados da realidade observada na pesquisa empírica.

Quanto às produções de Fúlvia Rosemberg, foram eleitas as seguintes temáticas: *mulheres e crianças – a escolha pelos grupos oprimidos*, com três artigos; *a construção de novas perspectivas sobre a criança e para a infância*, com seis textos; *crianças, mulheres e negros(as)*, com cinco artigos; *Educação Infantil e a abertura política no Brasil*, com sete artigos; *enfrentamento e combate às discriminações raciais e de gênero*, com quatro textos, totalizando vinte e cinco trabalhos. Os escritos da autora voltaram-se contra a desigualdade social, gênero e raça. Moruzzi, autora responsável em sintetizar o pensamento de Rosemberg, ressalta que “[...] a infância e as crianças foram conceitos mobilizados pela autora no interior de uma estratégia política e teórica de luta contra a desigualdade social [...]” (p. 75). Trata-se de uma

das pesquisadoras brasileiras que mais impactaram a Educação Infantil, uma vez que trouxe contribuições valiosas para a questão racial e às políticas de ações afirmativas.

No que se refere às produções de Sonia Kramer foram analisados vinte e dois artigos divididos nas seguintes temáticas: *uma análise crítica do papel da pré-escola no Brasil*, com seis artigos; *educar contra a barbárie*, com três textos; *formação de professores e a Educação Infantil*, com onze artigos; *infância: a pesquisa com crianças*, com dois artigos, totalizando vinte e dois escritos. Oliveira e Silveira, autoras que analisaram os artigos de Kramer, ressaltam que ela inaugura a produção teórica sobre a infância pautando-se nos referenciais de Walter Benjamin, Bakhtin e Vygotsky. A autora “teoriza sobre a luta contra a barbárie e a desigualdade social, temas que entrelaçam sua vida pessoal, sua prática militante e teórica” (p. 96). Salientam que parte do pensamento da autora se encontra no livro “*Por entre as pedras: arma e sonho na escola*” que, infelizmente não foi analisado nesse estudo.

As temáticas abordadas por Kishimoto são: *história, Educação Infantil e políticas públicas*, com três artigos; *jogos, brinquedos e brincadeiras*, com dois artigos; *articulando experiências: práticas pedagógicas entre o Brasil e o Japão*, com seis artigos; *pedagogias para a infância e a Educação Infantil: aspectos formativos e teóricos*, com nove textos, totalizando vinte trabalhos. A autora oferece, por meio dos seus escritos, possibilidades de compreensão do modo pelo qual as crianças se apropriam dos brinquedos quando brincam. Tebet e Cruz, autoras que analisaram os textos de Kishimoto, salientam que a autora foi pioneira nos estudos voltados aos jogos e brinquedos infantis como propulsores da aprendizagem e do desenvolvimento infantil.

As produções de Ana Lucia Goulart de Faria foram divididas em quatro temáticas: *A perspectiva marxista* que culminou na obra “*Ideologia do livro didático, fruto do seu trabalho de mestrado*”; *Políticas de Educação Infantil*; *a criança produtora de cultura*; *linguagens infantis, pedagogia da infância e formação docente*. Esses últimos temas se entrecruzam na obra da autora, pois Souza e Tebet, estudiosas que analisaram os escritos de Faria, ressaltam que, para ela, a “[...] pedagogia da infância requer professores bem formados, capazes de reconhecer e de valorizar a riqueza das linguagens infantis em espaços públicos” (p. 133). Os escritos de Faria não se resumem à faixa etária de 0 a 6 anos, ela é uma das precursoras do debate sobre a Pedagogia da Infância que discuta propostas também para crianças de até 10 anos de idade.

Ana Cristina Juvenal da Cruz, ao analisar os escritos de Ethel Volfzon Kosminsky, considerada precursora da Sociologia da Infância no Brasil, divide-os nas seguintes temáticas: *temas em debate sobre crianças e suas infâncias: da desigualdade social ao sujeito de direitos*, com dois artigos; *metodologias e pesquisas com crianças*, com sete escritos; *gênero e feminismo*, dois textos; *a migração como ruptura: mulheres, infância e a condição judaica*, com seis textos, totalizando dezessete trabalhos. Os

textos da autora estão voltados às pessoas que sofreram opressão e as temáticas são gênero, imigração, classe social, relações etárias, pertencimento étnico-racial e trabalho infanto-juvenil. Segundo Cruz, os textos de Kosminsky “[...] constituem uma analítica particular acerca da infância e das formas de agenciamento de crianças em diferentes contextos sociais. Sua obra articula esferas econômicas, políticas e culturais de modo não redutivo [...]” (p. 154).

Os artigos analisados das seis pesquisadoras mencionadas neste livro, mesmo não sendo apresentados de forma aprofundada, pois não seria possível numa única obra, somado ao de Florestan Fernandes, apresentam ao leitor como a área da Sociologia da Infância se constituiu no Brasil, principalmente a partir da década de 1970. Essas autoras foram responsáveis, por meio de seus estudos, em consolidar a área, pois deram destaque a diferentes temáticas que envolveram as crianças, a infância, suas culturas e, sobretudo, seus direitos. Como aponta Faria, há uma diferença entre “cultura da infância” e “cultura infantil”. Para a autora, a primeira “[...] é definida como aquela produzida para as crianças [...]” enquanto a segunda “[...] é aquela produzida pelas crianças [...]” (p. 126). É na segunda vertente que percebemos que as demais autoras se situam. No livro, encontramos os nomes dos artigos dessas pesquisadoras para que possamos buscá-los e lê-los na íntegra. A leitura é extremamente agradável, leve e prende a atenção e nos faz refletir em como a Sociologia da Infância se faz presente nas produções brasileiras há muito tempo.

O terceiro território escrito por Anete Abramowicz traz algumas reflexões e análises sintetizadas, partindo dos debates apontados pelas pesquisadoras selecionadas, apontando os principais temas abordados em suas publicações e destacados ao longo do livro. Segundo ela,

[...] a questão da educação compensatória marca a produção de todas as autoras nas décadas de 1970 e 1980, inicialmente aderindo e logo abandonando criticamente a concepção de que deveria haver compensação da desigualdade econômica e simbólica entre as classes sociais. A educação compensatória propõe acabar com a pobreza das crianças por meio da educação pré-escolar (a partir da compensação de carências), perspectiva que veio a ser repudiada pelas pesquisadoras brasileiras.

As publicações das seis pesquisadoras, de acordo com Abramowicz, enfatizam a criança e podem ser divididas em quatro temáticas: a primeira refere-se à problemática vivida pelas crianças de classes populares, resultante da desigualdade social, marginalidade cultural, condições de pobreza e trabalho infantil; a segunda, às questões de sexualidade e de gênero e os indicadores de desempenho escolar; a terceira, aos questionamentos que buscam problematizar a visão de criança e de infância predominantes até o momento e, a quarta temática que surge na década de 1990, refere-se às relações étnico-raciais e à Sociologia da Infância.

Abramowicz faz uma análise de cada um desses grupos temáticos, tecendo considerações sobre os momentos históricos em que foram surgindo. A autora aponta que o campo teórico da Sociologia da Infância no Brasil é predominantemente composto na e pela área da educação, porém as pesquisas que apontam a Sociologia da Infância como palavra-chave emergem a partir da década de 2000. Por esse motivo, o livro foi intitulado “*Estudos da Infância*” a fim de poder abarcar a diversidade de pesquisas e campos teóricos.

Vale lembrar que Fúlvia Rosemberg faleceu em setembro de 2014, quando esta obra já estava concluída e, por esse motivo, foi incorporado ao livro um posfácio em homenagem a ela, uma vez que seu trabalho foi fundamental na luta pelos direitos das crianças e pela justiça social. Vale a pena reproduzir o último parágrafo:

Que vida! Que luta! Que obra! Ela nos fará falta, é insubstituível, pensaremos o que diria ou faria Fúlvia neste caso e não saberemos, pois ela carregava em si o ineditismo, a lucidez, a visão contemporânea daqueles que veem o que ainda está nas sombras, que anuncia o que virá de uma época quando ainda não se vê. Que pena que ela morreu! Que falta nos fará! O mundo acadêmico ficou infinitamente menor e sem graça!

O livro apresenta um estado da arte dos últimos trinta anos, de muita riqueza e importância para os estudiosos da infância, portanto, leitura recomendável a todos que buscam entender a construção da Sociologia da Infância no Brasil. Além disso, o CD que acompanha a obra traz as entrevistas realizadas com as seis pesquisadoras e também a entrevista com Clarice Cohn. São fontes riquíssimas que complementam o não dito no livro que, com certeza, ilumina ainda mais o exaustivo e bonito trabalho realizado pelas autoras.

Recebido em 14 de outubro de 2015

Aprovado em 21 de outubro de 2016

**Ligia de Carvalho Abões Vercelli** é Doutora e mestre em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (Uninove). Graduada em Psicologia e em Pedagogia com especialização em Psicopedagogia. Docente do curso de Pedagogia e do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da mesma universidade. Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).